

pelo menos, não têm sentido político. O regime econômico e social do trabalho escravo é a condição de vida dos dirigentes do Império; e, por isto mesmo, a da própria Monarquia. Talvez, com a sua deformação profissional, não pudessem fazer mais do que fizeram pelo Brasil, cingido à triste instituição que o avilta e lhe impede o progresso.

No ângulo da inteligência e da cultura, poucos seriam superiores a Pedro II. Se no reinado dêste não floresceram mais as grandes figuras enérgicas e afirmativas da época de Pedro I e da Regência, como, por exemplo, José Bonifácio, Feijó e Bernardo de Vasconcelos, foi brilhante, todavia, a plêiade de políticos que revelaram, muitas vezes, visões de estadistas, ou, mais modestamente e veridicamente, se é possível a gradação, de capazes homens de governo, à semelhança de Paraná, Olinda, Uruguai, Itaboraí, Rio Branco e Ouro Preto. Tavares Bastos e Mauá, observa com a habitual argúcia Vicente Licínio Cardoso, encaravam em setores diversos de atividades as melhores forças da inteligência realista e construtiva da época imperial; mas nem o primeiro, nem o segundo, pouco estimados de Pedro II, puderam dar tôda a medida da audácia do pensamento e da ação. A extrema cautela do Imperador refletia-se em tôda a vida brasileira. Tavares Bastos fala num quase deserto, e Mauá tem as asas aparadas. O problema da Abolição, que poderia seguir-se imediatamente ao da extinção do tráfico negro, protela-se por todo o Segundo Reinado para resolver-se, enfim, num belo movimento sentimental, ferindo os interesses pecuniários da classe que sustentava o Império, perturbando a economia de grandes regiões do País, e quando o escravo já lhe envenenara por muitas gerações a estrutura social. Com um impulsivo como Pedro I, e sob a firme direção de um José Bonifácio ou de um Bernardo de Vasconcelos, o Brasil poder-se-ia ter redimido da grande mancha antes dos Estados Unidos e da guerra do Paraguai. As fortes correntes de imigrantes europeus, aliás pouco simpáticas a Pedro II, que enchem os Estados Unidos, poderiam encaminhar-se em parte para as suas vastíssimas terras, iniciando-lhes o aproveitamento econômico e melhorando-lhes, como acontecera na Argentina, a composição étnica.

Conviria indagar, agora, qual o meio em que agiam Pedro II e o seu estado-maior de políticos. Que foi o Brasil

x talvez melhor - a composição cultural.

novo comandante... Ouro Preto recebera o Brasil imperial na plenitude da sua maior crise histórica, porque era igualmente uma crise social — a Abolição. Alterando tóda a estrutura económica do país, lançando à liberdade, para a qual não os tinha preparado, perto de um milhão de escravos, no valor médio de dois contos de réis cada um, a lei de 13 de maio atingira as mais profundas raízes da vida brasileira, diminuindo por tóda a parte o espírito da passiva obediência à lei e despertando a tentação das soluções radicais.

Leal à sua fé monárquica, confiante na sua energia repressiva, Ouro Preto acreditou possível vencer a nascente onda revolucionária. Pela sua política financeira de amplitude do crédito e aumento da circulação do dinheiro, não se limitava às novas e prementes necessidades de moeda para as transações agrícolas e comerciais, oriundas das novas condições do trabalho livre, diretamente remunerado; desejava abrir para o Brasil uma fase de otimismo, de euforia, de ambições de negócios e de dinheiro, capaz de fazer cessar as surdas ou confessadas inquietações civis e, talvez, militares. Provavelmente, seria forçado mais tarde, se não viesse a República, a fazer volta-face para evitar o desastre financeiro. Mas, no plano político, a sua técnica de ação não quis passar do velho e illusório recurso eleitoral das Câmaras unânimes e da reação corajosa, em que êle mesmo em breve se sente isolado e da qual seria, infalivelmente, a vítima. Para a vitória final da República falta apenas a decisão suprema de Deodoro nas vésperas de 15 de novembro.

Recapitulando, pois, as origens imediatas da República, poderíamos dizer que duas grandes forças agiram paralelamente: a direta dos republicanos e a indireta dos próprios monarquistas, para os quais o Império perdera o derradeiro encanto, e que, sobretudo, depois de 13 de maio, formavam o vasto e perigoso partido dos derrotistas. Entre êstes monarquistas teóricos, que trabalharam consciente ou inconscientemente pela República, seria possível distinguir os liberais, os reformadores, os abolicionistas, os federalistas da espécie de Joaquim Nabuco e Rui Barbosa, e da linhagem de Tavares Bastos, e os desgostosos e displicentes, como os conservadores feridos pela Abolição. Entre os republicanos, é possível também distinguir quatro correntes diversas: a dos históricos de 1870, principalmente os paulistas, sob a chefia de Quintino Bocaiúva, pertinazes e sinceros, embora mode-

x Como seria o dia da liberdade e a presença dos escravos para a liberdade?

X
 tividade brasileira, não só nos aspectos étnicos, para criar a mais vasta mestiçagem do mundo, como também para emprestar-lhe a doçura afetiva, a imprevidência, a resignação passiva e fatalista, e, mais do que tudo, a incapacidade de iniciativa, de confiança em si mesmo, de direção autônoma, tão características, entretanto, dos primeiros colonizadores portugueses e dos primeiros abridores de sertões. O Governo era para os brasileiros, como ainda hoje, uma forma de providência onímoda e consciente, além da qual seria precária qualquer solução. Quem, assim, assumiria a antiga tutela patriarcal do Segundo Reinado? Quem encararia o supremo arbítrio de Pedro II?

A República Argentina era outro modelo que impressionava os organizadores da República brasileira. Em verdade, parecia bem mais curta a distância moral entre brasileiros e argentinos do que entre brasileiros e norte-americanos. Descendiam do mesmo tronco étnico, assemelhando-se pela mesma crença religiosa e pela comunidade de hábitos e costumes, reagindo, pois, de maneira análoga aos aspectos da vida coletiva. Todavia, mesmo esquecendo as diferenças psicológicas entre os dois elementos superiores das civilizações brasileira e argentina, isto é, entre o português e o espanhol, mil outros fatores, principalmente econômicos, tinham feito esgalhar em direções diversas a evolução das duas maiores nações da América latina. Vencidos os antigos sonhos portugueses sobre o domínio de uma das margens do estuário platino, e perdidas no passado distante as inquietas ambições da esposa de D. João VI, Carlota Joaquina, fechara-se o Brasil de bom grado nas suas largas fronteiras históricas, consolidadas pela comunidade do idioma, enquanto a Argentina não abandonara jamais o ideal da reconstituição do Vice-Reino do Prata. O Segundo Reinado, protelando por 60 anos o advento da República, conseguira cimentar a unidade nacional e impor a todo o país admirável ordem civil. O regime da monocultura agrícola e do trabalho servil criara no Brasil, com a economia patriarcal, uma sociedade de essência aristocrática, conquanto isenta de preconceitos de raças. Já vimos como à sua sombra protetora pôde viver o Império de Pedro II.

|| Fôra muito mais democrática a primitiva formação social da Argentina. A ausência de minas fabulosas e, portanto, de fáceis riquezas, bastara para não atrair para os países do Pra-

x o problema psicológico em psicanalítico da mestiçagem.

- SEABRA, J. J. — 128, 148, 204, 205, 235, 239, 242, 287, 290, 291, 292, 295, 304, 324, 325, 329, 330.
- SERPA, Justiniano — 147, 148.
- SERRA AZUL, Barão de — 1.º d.
- SILVA, Rosa e — 197, 210, 228, 231, 272, 291, 308, 327.
- SIMEÃO, José (General) — 112.
- SINIMBÚ, Visconde de — 53, 212.
- SODRÉ, Feliciano — 308.
- SOARES, José Carlos de Macedo — 393.
- SOARES, Raul — 319, 334, 340.
- SOARES, Vital — 362.
- SODRÉ, Lauro — 117, 180, 181, 210 e 241.
- SOUSA, Paulino de — 55.
- SOUSA FILHO — 362.
- SPENCER — 46, 76, 222, 223, 266.
- TAINÉ — 10, 223, 266, 297.
- TAMANDARÉ — 122, 156.
- TAVARES, Silva (General) — 146, 147, 149, 151, 152, 153, 154, 159, 191 e 192.
- TAVORA, Juarez (General) — 366, 368, 386, 387, 388 e 397.
- TELES, Carlos (General) — 159.
- THIERS — 65, 223 e 343.
- TIBÉRIO — 123, 352.
- TOCQUEVILLE — 46.
- TOLEDO, Pedro de — 399.
- TORRES, Alberto — 398.
- TORRES-HOMEM, Sales — 74.
- TRUMAN — 437.
- URUGUAI, Visconde de — 33.
- VARGAS, Getúlio — 15, 344, 345, 351, 355, 357, 358, 359, 361, 364, 365, 367, 368, 386, 387, 391, 392, 394, 397, 398, 399, 400, 401, 404, 407, 408, 409, 410, 412, 413, 414, 415, 426, 429, 430, 431, 432, 434, 435, 436, 437, 439, 440, 442, 443, 444.
- VARGAS, Manuel do Nascimento — 173, 375.
- VASCONCELOS, Bernardo de — 25, 30, 33, 107 e 122.
- VASCONCELOS, Zacarias de — 21.
- VASQUES, Bernardo (General) — 147, 192.
- VAZ, Rubem Florentino (Major) — 443.
- VIANA, Ferreira — 28.
- VIANA, Luís — 201, 210.
- VIANA, Melo — 340, 360, 361.
- VIANA, Oliveira — 27, 43, 234, 398.
- VIDAL, Forster — 114.
- VIDAL, Sampaio — 333, 334 e 339.
- VIEIRA, Severino — 224.
- VILLEROY, Ximeno de — 131.
- VITORINO, Manuel — 197, 198, 199, 201, 202, 205, 207, 209, 228, 233.
- WAGNER — 31.
- WANDENKOLK, Eduardo — 67, 113, 118, 130, 140, 148, 154, 156, 158, 160.
- WASHINGTON, Jorge — 40, 422, 427.
- WERNECK, Santos — 104.
- WILSON — 316, 321, 322.
- WHITMAN, Walt — 224.
- ZACARIAS, — 27, 41, 49 e 53.
- ZEBALOS, Estanislau — 96, 253.
- ZOLA, Emílio — 223, 375.

*A inexistência de marcas fortes de
massa na nossa história — uma in-
cipiente consciência proletária no
Brasil. 14-15 -*

*A inipiente consciência cívica
do brasileiro, elucos bulhadas - 27*

a desintegração de uma nação unificada
e desabilitada pelo problema político-
a instauração em plena democracia política
a instalação da República entre nós ²⁷⁻²⁸
mas para isso forças muito maiores
de ordem política mas de ordem
econômico-social - 28

a falta de existência política da classe média
e burguesa no meio - 32-3

as estruturas de nossa sociedade -
a existência de uma classe média -
a falta de participação política - 43 -
(Consequências)

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA EMPRESA GRÁFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., A RUA
CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,

PARA A
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

EM 1956

O processo do 15 de novembro e a
ausência do povo - a sua "preceção
e educação cívica" - 59 -

a falta de consciência cívica - 63

Comportamento interessante de nações
como o Brasil de minoridade política:
antes sem-se a tutela de alguns e, cansa-
das depois da tutela, na por os vezes
brutalmente, passando a outra tutela - 63

a República e a transplantação de ⁶⁴
soluções político-administrativas em-
brasilianas a fatos e problemas brasileiros 66
participação de sacerdotes católicos na
nacionalista - 75.

idem

Sul e o Senhor de cupi

a harmonia da civilização patiarca,
das fazendas e a realidade do pro-
prietário do Brasil e o plano secundário
das cidades - 77

O deslocamento do centro econômico
do norte para o Sul abria novos de-
monstros do trabalho rural - de referência
na vida não só econômica, mas
política do país - 78.

O back ground econômico das revolu-
ções brasileiras - 82 -

Eleitores sem consciência cívica - 86 -
A falta, entre nós, do hábito do auto-
governo, que caracterizava a demo-
cracia americana, e seu aparato
jurídico - formados em grande
ou transplantados para o Brasil - 89

A atitude do brasileiro ante o governo
A imaturidade de alguns homens
públicos na 1. República - 103

Importância a leitura de todo o ca-
pítulo - Blabação Constitucional
em que se fazem referências
à nossa experiência de
democracia e suas conspéc-
ções na vida política -

Perfil psicológico dos ex-escravos
Perfil de prudentes de moços - 183

133
22

... império e
... do Brasil aos esfe-
... constitucionais da república - 188
... plena república, manifestai-
... do império - 189 -

A Situação e o desenvolvimento
social e econômico do escravo
recém-liberto - 194

A grande guerra e as tentativas de
solução para a literatura
brasileira - 224 -

Rodrigues Alves e ensino público e
gratuito obrigatório - 232 -

O sentido realista de Rodrigues Alves
em face da escravidão e liberdade dos
escravos e por ele juntamente dimen-
sões econômica - 232 -

Osvaldo Cruz, a febre amarela e a sua
extinção - técnica de interpretação
do público - 240

Diferenças entre norte e sul, com o deslo-
camento da economia - 255

As massas incultas e a oratória de Rui
Barbosa em face da emancipação intelectual do lado da
economia - 313 - ^{- 291 -}

Mudanças de mentalidade popular
com o desenvolvimento das cidades
326

A passividade das nossas instituições democráticas e de participação, sua marginalidade, o pouco interesse na vida pública e toda a sua potencialidade mítica, irracional e passiva. - 371-

- A nossa deficiência no processo democrático pela precária educação política do povo. - 371-

A quase ausência completa de ideias, de planos, a repetição dos mesmos fatos, o desinteresse pela história da República e o medo da mudança. - 381-

A nossa política colonialmente alienada e modernismo intelectual. - 382

A primeira guerra mundial e o maior incremento da industrialização das cidades brasileiras: primeiro diploma jurídico de notário ao trabalho. - 382-